

nara roesler

sérgio sister



sérgio sister

n. 1948, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, onde conseguiu dar continuidade à sua produção em desenho e pintura sobre papel. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e tridimensionalidade. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

[clique para ver cv completo](#)

seleção de exposições individuais

Then and Now, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2019)

Sérgio Sister: o sorriso da cor e outros engenhos, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)

Sérgio Sister, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)

Sergio Sister: Malen Mit Raum, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)

Expanded Fields, Nymphe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)

Ordem Desunida, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

seleção de exposições coletivas

A linha como direção, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)

The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists, Drawing Center, Nova York, Estados Unidos (2019)

Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)

AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)

MAC USP no século XXI – A era dos artistas, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

seleção de coleções institucionais

Centre Georges Pompidou, Paris, França

François Pinault Collection, Veneza, Itália

Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México

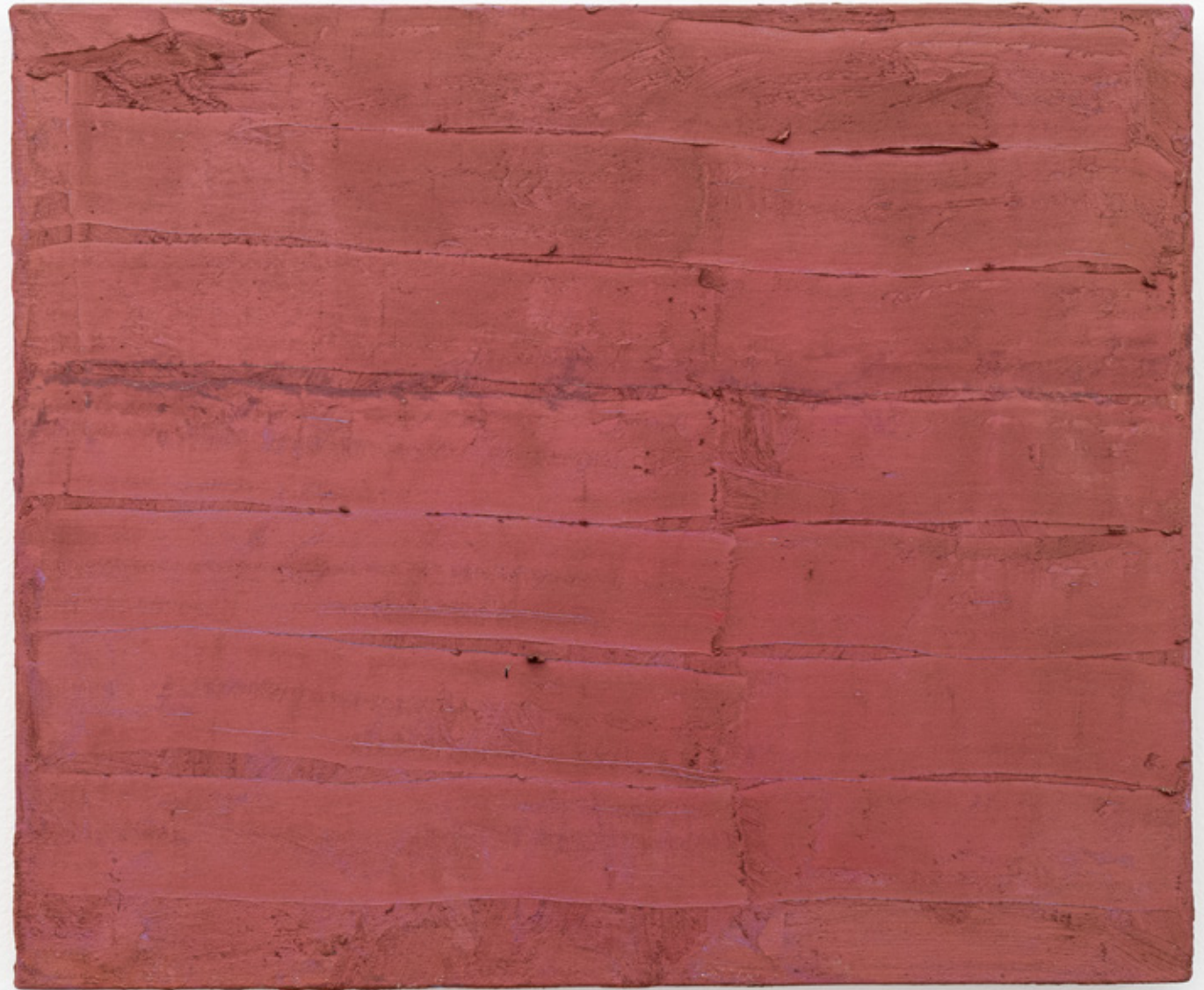
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

4	pinturas
28	trabalhos tridimensionais
45	desenhos

pinturas

Sérgio Sister encontra na pintura os fundamentos que alicerçam sua prática. Suas telas são expressões de uma “pintura densa, rica em texturas e matizes de superfície, fundamentalmente monocromática”, como dispôs o curador e poeta Luis Pérez-Oramas. O monocromo é o gênero contemporâneo ao qual o artista tem se dedicado desde a década de 1980, quando retoma sua produção, tornando-se, nas palavras de Perez-Oramas, “um dos mais sutis e complexos exemplos de pintura monocromática na América.”



Sem título, 1991
tinta óleo sobre tela
50x60 cm





A produção de Sister, contudo, teve início em meados da década de 1960, quando frequentou o ateliê da artista Ernestina Karman (1915–2004) (1965–1967), e aulas na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). Já naquele momento, recebe atenção do meio artístico ao participar de salões de arte, além do 1º Jovem Arte Contemporânea, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), em 1967.

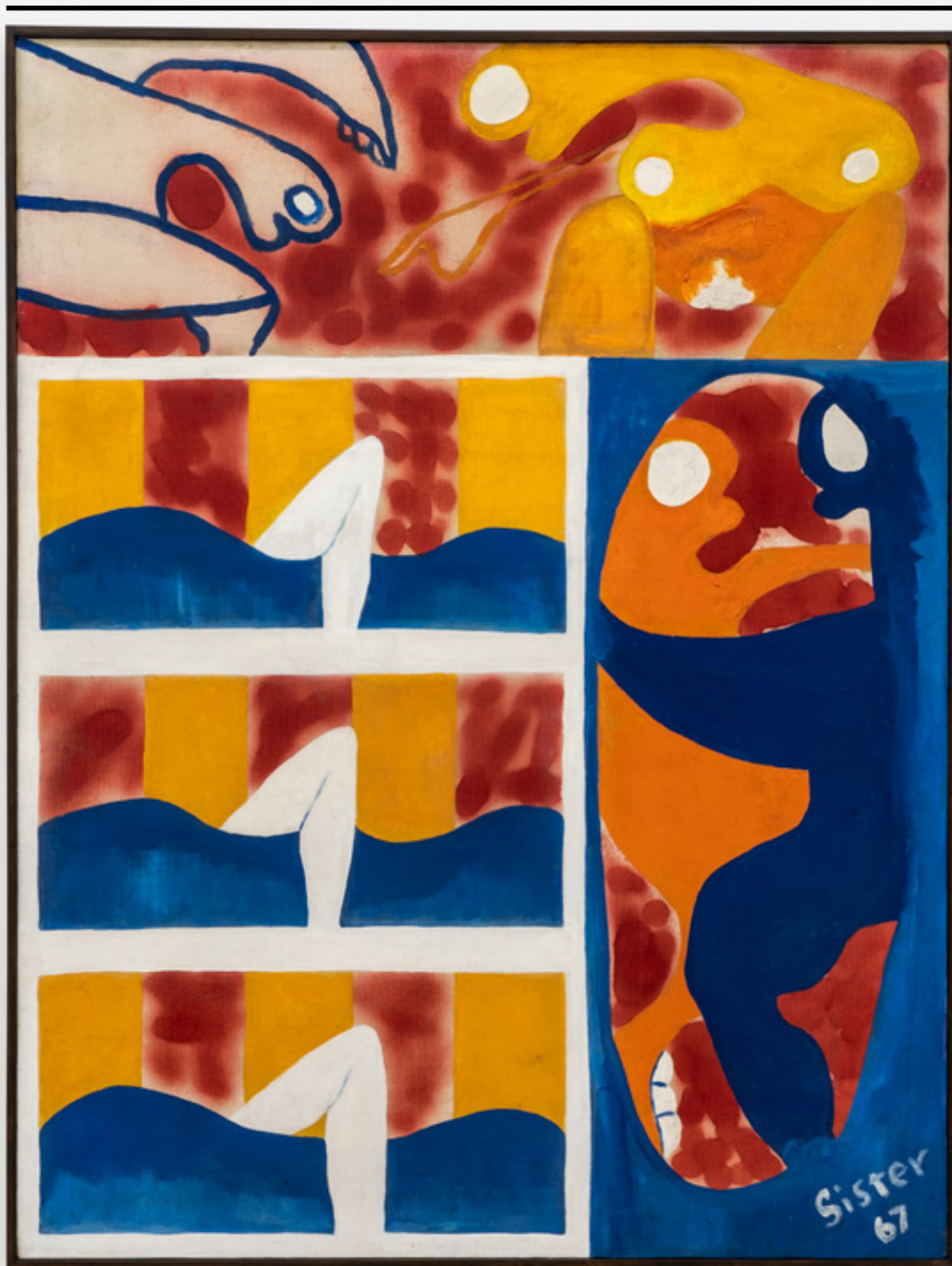
Sem título, 2014
tinta óleo sobre tela
38x46 cm

Suas pinturas, nesses anos iniciáticos que ficaram conhecidos como sua primeira fase artística, eram marcadamente influenciadas pela estética da Nova Figuração, em especial as abordagens de Antonio Dias, Claudio Tozzi e Rubens Gerchman; da *Pop Art*, destaque da 9ª Bienal de São Paulo (1967) – na qual Sister também expôs – que trouxe obras de Andy Warhol, Robert Rauschenberg e Roy Lichtenstein; além do *Nouveau Realisme* francês. Na análise do curador Tadeu Chiarelli, “(...) é espantosa a vivacidade que emana daquelas pinturas que, atentas ao burburinho da metrópole, aos flagelos da sociedade de massa e aos perigos da ditadura (que aos poucos mostrava sua cara), demonstram a crença no fazer pictórico, acreditam no que denunciam e em como denunciam. Nelas é notável como Sister – a exemplo de alguns colegas de geração – conseguia filtrar e tornar seus os códigos das vertentes então mais em voga (a *pop*, a nova figuração etc.), tudo crivado por um tipo de arquitetura do campo plástico que, passível de ser associada à estrutura das páginas de histórias em quadrinho, nada me tira da cabeça que poderia ser debitada igualmente à experiência concreta, ainda forte em São Paulo à época (talvez o mesmo débito de Claudio Tozzi, em suas primeiras produções).”



Sem título, 1966
tinta óleo sobre tela
116x148 cm





Esse período da produção de Sister, entretanto, ficou marcado por um acontecimento político. Em 1970, o artista, então estudante de ciências sociais e militante, foi preso, passando os 19 meses seguintes encarcerado, primeiro no Deops, onde foi torturado durante um mês; em seguida, no presídio Tiradentes, lugar em que passaria mais 18 meses. Essa experiência, contudo, não o dissuadiu de produzir, pelo contrário, com materiais trazidos por sua então namorada – e agora esposa, Bela – durante as visitas realizadas, ele pode dar continuidade à sua prática artística. Nesse momento, Sister também entrou em contato, e pode realizar trocas materiais e intelectuais com outros artistas e arquitetos, também ali detidos.

Sem título, 1967
spray e tinta acrílica sobre tela
116x89 cm

Nesse momento, a linguagem *pop* aparece com ainda mais força, tendo em vista, também o caráter de anotação do cotidiano prisional, integrado às críticas à situação política nacional. Sobre a relação entre imagens do imaginário popular e o discurso engajado, característico da produção brasileira da época, Sister afirma: “Entramos na *pop* porque parecia um meio moderno de arte, próprio para nosso combate revolucionário. Era agressiva, irônica, bem-humorada e carregava um arsenal de ícones suficiente para alimentar nosso discurso.” Apesar dessas obras se distanciarem formalmente daquelas produzidas na segunda fase de sua trajetória, nelas podemos identificar diversos aspectos fundamentais da pintura de Sister, como a importância das cores, ali usadas em profusão, a planaridade composicional, pelo abandono de métodos de perspectiva, além da gestualidade, ali presente pela sinuosidade dos traços.

Nada além do óbvio, 1971
acrílico, madeira, pano,
fitas, fusíveis, cabo elétrico,
papel sobre tela
90x110 cm

→
vistas da exposição
*Imagens de uma juventude
pop – pinturas políticas
e desenhos da cadeia*
Nara Roesler
São Paulo, Brasil, 2019





DEUS É
BRASILEIRO

AMF-O BR

HORROR
CEM



BRASIL
CORTE COM

BRASIL
CORTE COM









Sem título, 1967
spray, colagem, costura
e tinta acrílica sobre tela
116x80 cm

→
vista da exposição
Then and Now
Nara Roesler
Nova York, EUA, 2019



Após ser libertado, a produção de Sister minguava, emergindo novamente em meados dos anos 1980. Essa nova etapa, de inclinações monocromáticas, é, segundo Chiarelli, “uma afirmação de certos elementos constitutivos da pintura, reverenciados na modernidade, como estratégias para a delimitação de seu próprio campo: a reiteração da bidimensionalidade, a ênfase no ato de pintar e o uso planejado do monocromático a enfatizar todas essas peculiaridades. (...) os tons mais baixos tendem a reforçar a dimensão planar da pintura e a realçar os índices da ação do pintor sobre a superfície.”



Sem título, 1993
tinta acrílica sobre tela
33x33 cm



A continuidade do projeto moderno de autonomia da arte pela investigação de seus elementos constitutivos também aparece em comentários do crítico Rodrigo Naves: “Sérgio Suster é sim um modernista meio *enragé* que insiste em ver a pintura como processo autônomo, avesso às contaminações da realidade e de suas limitações.” Naves prossegue: “Seus quadros não trazem as preocupações de grandes transgressões formais. O que os caracteriza é, antes, um esforço para dificultar a expressão, para torná-la aderente ao trabalho despendido na realização das telas.”

Essa produção, como se verifica nos comentários anteriores, recebeu grande atenção da crítica especializada, tendo em vista sua potência renovadora para o campo pictórico, ainda que baseada em seus elementos mais fundamentais, luz, cor e gesto, integrando-os em uma pesquisa compromissada com a diferença, criando composições cromáticas de efeitos únicos e sutis a partir da sobreposição de zonas de cor na mesma superfície.

Sem título, 1995
tinta óleo sobre tela
120x140 cm

Imprimindo seu gesto com pinceladas enérgicas que quebram com a unidade da superfície, revelando a presença da mão do artista, Sister ativa as cores ao potencializar a ação da luminosidade. “No centro do trabalho de Sérgio Sister está a análise atenta, acurada e paciente do elemento mais simples da linguagem pictórica: a pincelada”, dispõe o crítico Lorenzo Mammi, e prossegue: “a marca do pincel sobre a tela e sua reação à luz tem se tornado cada vez mais elementos estruturantes do quadro, e não simples meios de representar uma estrutura.” A pincelada, elemento que indicia a presença do artista, dá-se em profusão como no expressionismo abstrato, convocando-nos para olhar de perto, percebendo a riqueza de nuances que se apresentam pelo crispado da tinta e as diferentes direções dos gestos.

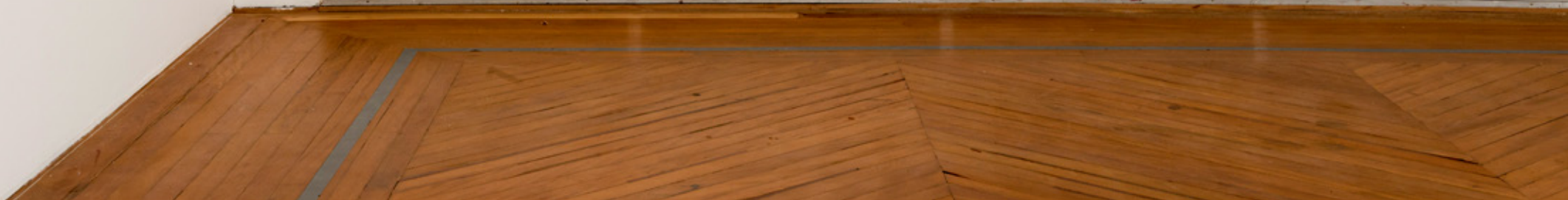
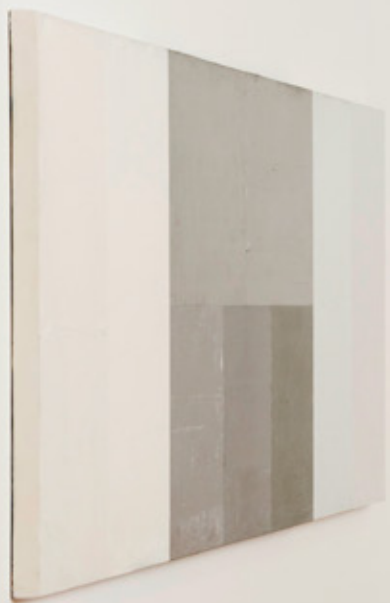
Sem título, 2019
tinta óleo sobre tela
41x30 cm

→
vista da exposição
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil, 2013









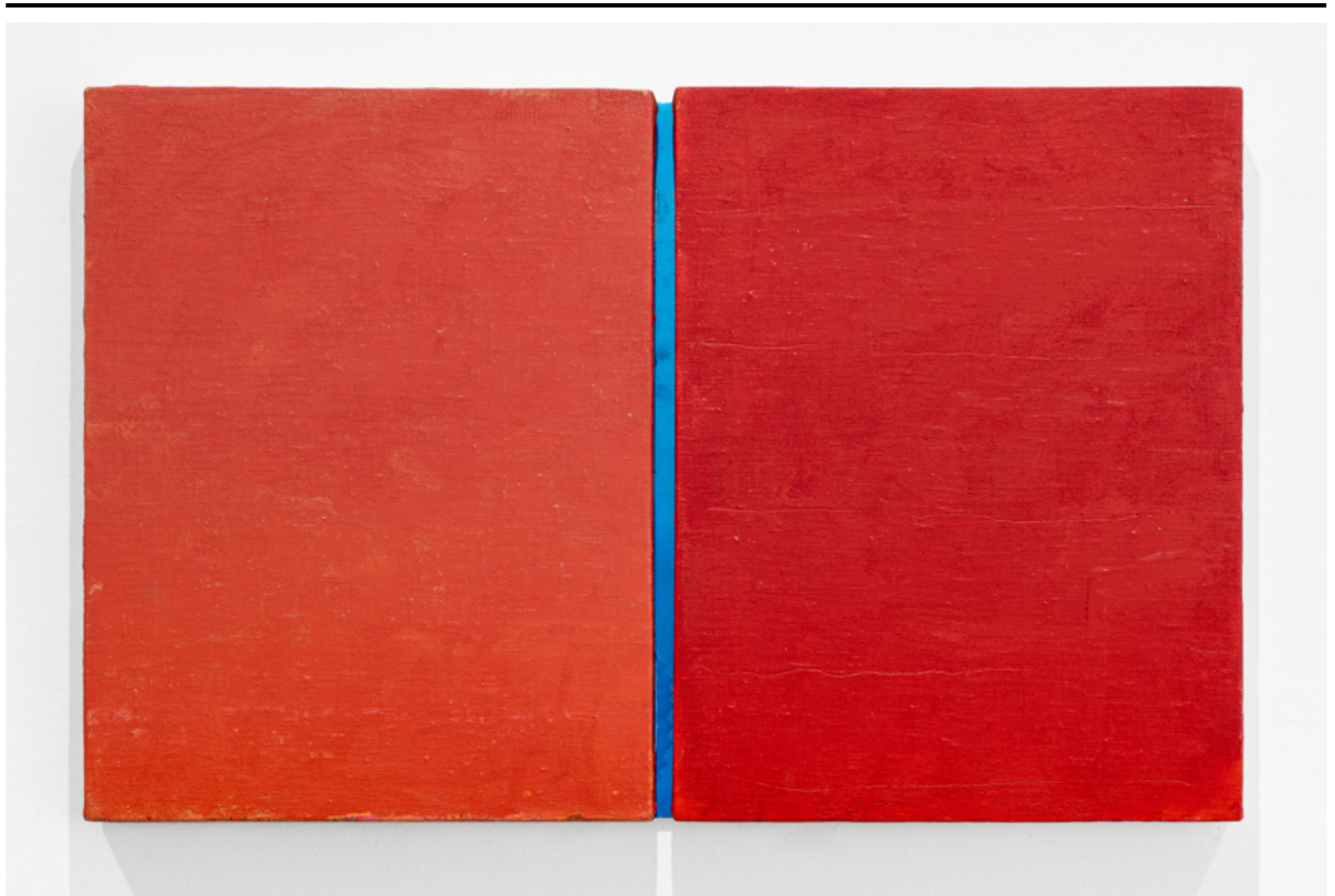


Já as cores empregadas por Sister “na maioria das vezes, carregam pigmentações suplementares ou ceras que as remetem a outras possibilidades, seja por luminosidades diferentes, que nos distraem da sua pretensa inteireza; seja por opacidades que as silenciam; seja ainda por embranquecimentos que as enfraquecem. Trata-se de ir, de dizer, de fazer, mas também de encorajar a hesitação e a dúvida”, revela o próprio artista. Mammi, também observa que “Para que o movimento das pinceladas adquira a máxima evidência possível, Sister utiliza um pigmento à base de pó de alumínio, misturado com óleos, ceras ou terras.” Esse artifício traz uma profundidade para os quadros, devido às vibrações da cor ativadas pela luz e pelo gesto, que também torna perceptível a variação cromática.

Sem título, 2019
óleo sobre tela sobre alumínio
226x200 cm

→
*Pintura com ligações
prata e laranja, 2021*
óleo sobre tela e alumínio
24x53 cm | 9.4x20.8 in





*Dois vermelhos
com ligação azul*, 2019
tinta óleo sobre tela
35 x 56 cm

→
vista da exposição
Ordem desunida
Nara Roesler
São Paulo, Brasil, 2015





Percebe-se então como a irregularidade das pinceladas ampliam as possibilidades de ação da luz, fazendo emergir as ricas sutilezas das superfícies de cor. Para o crítico Alberto Tassinari, “as pinturas de Sérgio Sister parecem guardar a luz. Opacas, às vezes leitosas, são pinturas, paradoxalmente, luminosas. Ainda que pintadas sempre com uma cor dominante, não é tanto da cor que nos falamos, mas, se é possível dizer assim, de um repouso da luz.” A prática de Sister, então, busca a integração de elementos fundamentais da pintura para gerar resultados únicos, revelando a originalidade de cada composição e de cada cor a partir de sua relação com outras presentes na composição e com o ambiente no qual se insere.

Verde luz sobre azul, 2015
tinta óleo sobre tela
25,4 x 34,9 cm

→
vista da exposição
Pintura com ar, sombra e espaço
Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil, 2017



trabalhos tridimensionais

Com o passar do tempo, as superfícies cromáticas dos quadros de Sérgio Suster começaram a tomar outras configurações. O artista não só sobrepunha cores e matizes, mas passava a justapô-las, em composições de geometria frouxa, em que a superfície da tela se divide em faixas ou segmentos com variações tonais e cromáticas. O objetivo desses trabalhos era o de “conectar dois corpos diferentes de cor na tela, sem corromper a potência de cada um deles em um mero arranjo de faixas”, confessa Suster. Ele também afirma que “cores diferentes conviveram de forma equilibrada entre si quando pacificadas em aproximações tonais.”

Tela com tiras, 2015
óleo e tinta vinílica sobre
madeira e sobre tela
31x20 cm





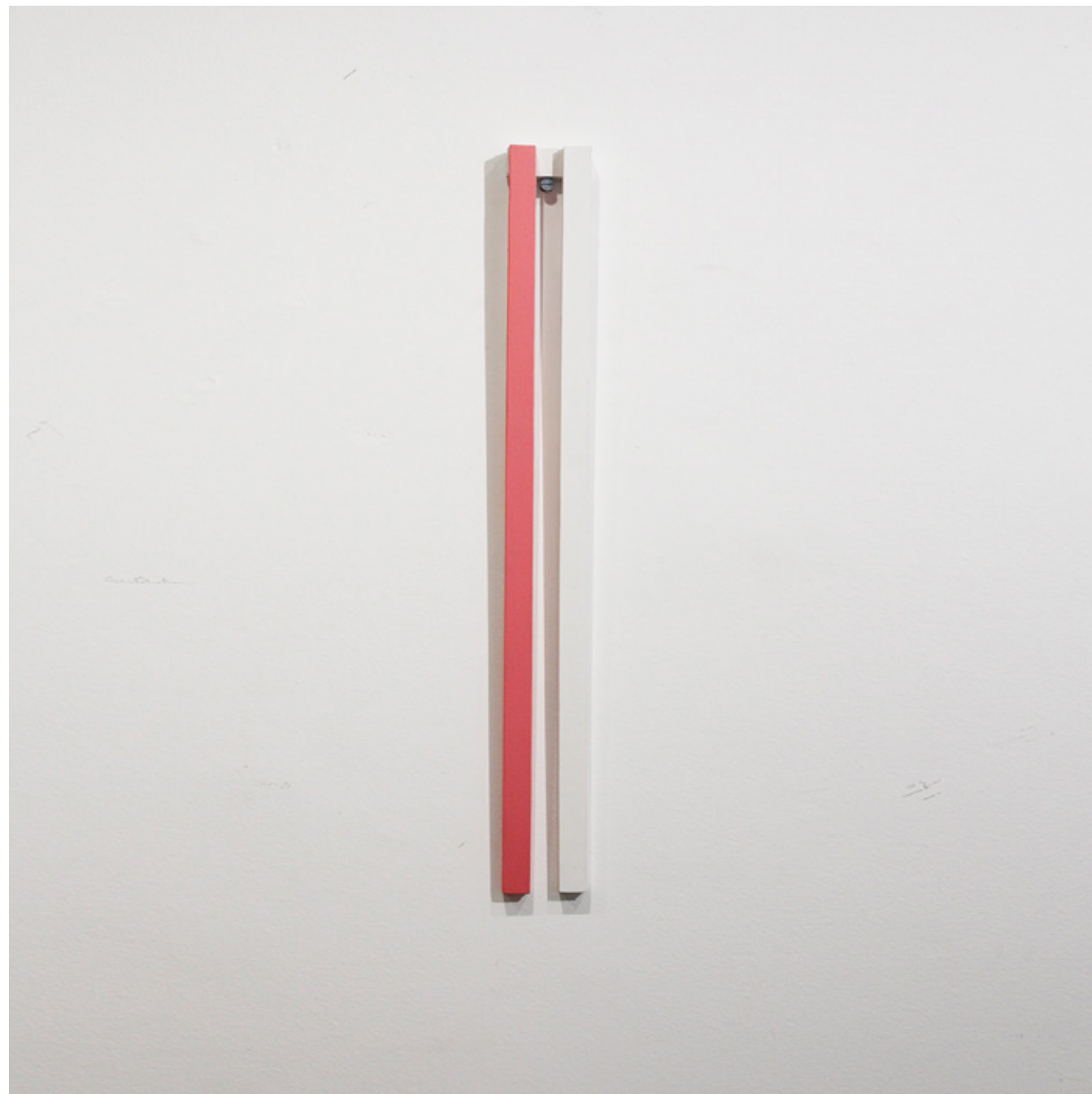
Esses procedimentos vão se radicalizar com a assimilação de elementos tridimensionais no corpo de trabalho de Sister. Como o próprio artista narra, isso se deu de modo fortuito, em um encontro ao acaso durante um momento de crise com seus trabalhos bidimensionais. Na garagem de seu prédio, Sister se deparou com uma pilha de caixas de frutas descartadas, usadas para embalar ladrilhos. O artista, então, apropriou-se dessas estruturas, e realizou experimentos com elas, pintado as tiras de madeiras com cores, criando pequenos ambientes cromáticos.

Caixa 93, 2010
óleo sobre madeira
38 x 24,5 x 8,5 cm

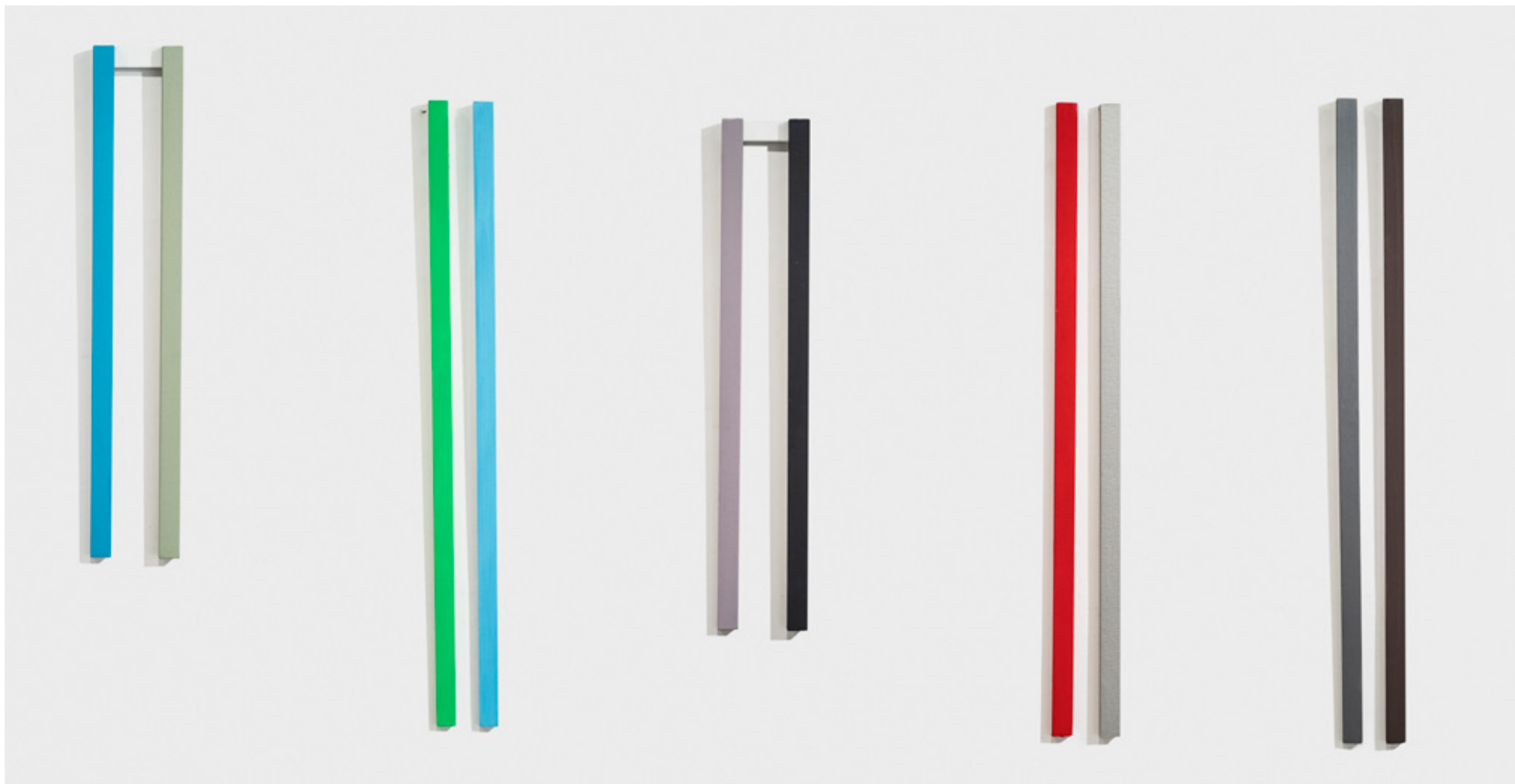


A primeira manifestação desse corpo de trabalhos de dá na série *Caixas*, logo seguida da série *Ripas*, em que tiras finas de madeira eram recobertas por cores e penduradas lado a lado, com apenas alguns centímetros de distância. Essas estreitas zonas de cor criam uma espécie de ritmo diferente das pinturas, em que o mesmo aparece pelos gestos. Nesse caso, o intervalo entre as cores cria uma espécie de composição visual correspondente ao acorde musical, em que diferentes notas soam juntas.

“Para melhorar o fluxo entre o espaço concreto da parede e as ripas, usei de um artifício: introduzi quase sempre uma cor que tivesse alguma familiaridade com a sombra projetada das ripas (cinzas) e, também, com a própria parede branca (brancos). Assim, o olho pôde correr mais fluido entre os volumes pintados e o resto, extraindo daí um jogo de colaboração entre as cores, e destas com o espaço comum”, argumenta o artista. Essa escolha deliberada por certas tonalidades visa criar diferentes relações, seja de harmonia, pela proximidade, ou de contraste, abordagem cromática que passa a ser investigada com maior vigor a partir dos anos 2000.



Rosa e Branco, 2018
óleo sobre madeira
64 x 7,5 cm



Ripas parede 6, 2019
tinta óleo, tinta vinílica,
tela e alumínio sobre madeira
2 partes de 64 x 11 cm
e 3 partes de 80 x 7,5 cm

→
vista da exposição
Pintura e vínculo, Nara Roesler,
Rio de Janeiro, Brazil, 2021

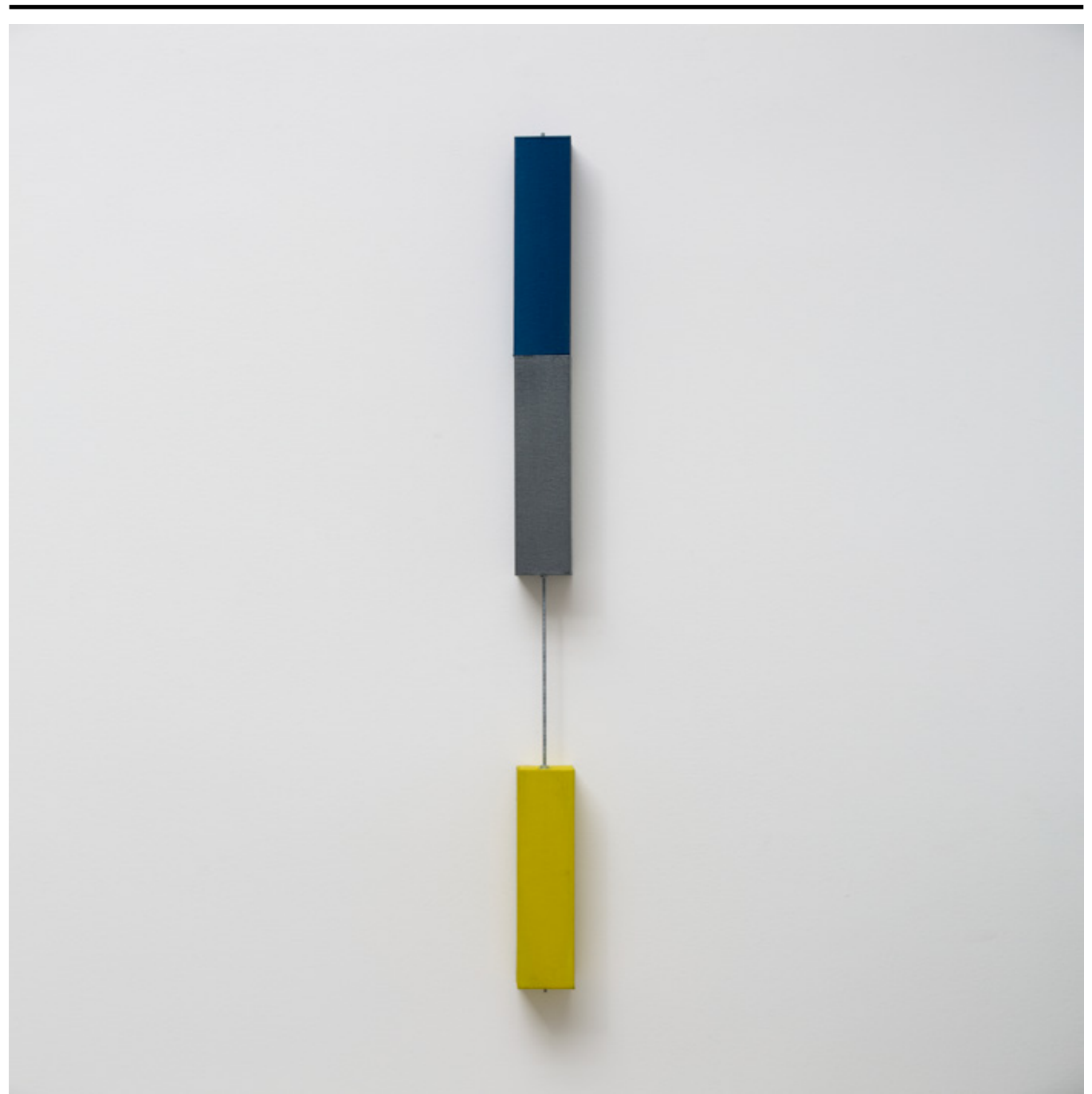




Para Tassinari, “será com as obras que denomina *Ripas* que Sérgio Sister encontrará uma solução pelo gênero do relevo, e não da pintura, de como conjugar diferentes cores sob a mesma luz, e que é a luz do mundo mesmo”. A série desdobrou-se em outras formas de aplicação de cor sobre elementos tridimensionais. Em alguns casos, sobre uma mesma chapa de madeira, ele abria sulcos entre as superfícies coloridas, em outros ele justapõe paralelepípedos de madeira pintados em diferentes tons, articulando-os em diferentes formas, por vezes justapondo-os na horizontal ou vertical, ou conectando-os com fios, criando diferentes relações e composições. Nesta última, série chamada *Tijolos*, devido à similaridade com esse objeto usado em construções, Sister também introduz outros materiais, como o alumínio, usando-o, por vezes para criar objetos das mesmas dimensões daqueles pintados, mas que no caso, aparecem sem o revestimento de tintas, refletindo a luz e o ambiente e interagindo com os outros elementos que, com eles, formam uma composição.

Tijolinho, 2014
óleo sobre tela sobre madeira
18,5x23x8 cm

Tijolinho vertical, 2015
óleo sobre tela sobre
madeira e cabo de aço
99,5 x 6,5 cm





Tijolinhos, 2013
óleo sobre tela sobre
madeira e alumínio
26 x 39 x 8 cm



Em 2003, em exposição da galeria 10,20 x 3,6, ele usa tábuas de madeira de maiores dimensões, cobrindo-as com cor, para criar trabalhos com caráter instalativo. Daí, surgem os *Pontaletes*, conjunto de finas colunas de madeira, similares às utilizadas na construção de lajes de concreto, cujo nome emprestam à série, e que, cobertos de uma única cor, são dispostos de forma a construir portais, ou traves de futebol. Tassinari ressalta que essas “são as obras mais lúdicas de Sérgio Sister, algo como um jogo de varetas gigantes, numa disposição feliz de simplesmente juntar caibros, ou, em trechos outros, como o de um ensimesmado mármore, e que meio que se indispõe com outros pontaletes, carrega a lembrança de que o alegre, se vem ao mundo, vem também por vencer o pesado, o grave, o triste.”

Pontalete # 1, 2007
óleo sobre tela sobre
madeira e alumínio
12 peças de 250 x 250 cm





Pontaleta # 8, 2007
óleo sobre tela sobre
madeira e alumínio
8 peças de 250 x 20 x 250 cm



Pontaleta # 03, 2007
óleo sobre tela sobre
madeira e alumínio
15 peças de 250x 500 cm

→
vista da exposição
Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil, 2017





Caixas, o resultado mais evidente do casual encontro de Sister com as caixas de fruta, ressurge mais recentemente, tornando-se uma das mais icônicas expressões da pesquisa do artista sobre as relações entre cor e espaço. Esses objetos, construídos por Sister, criam uma espécie de pequeno ambiente, em que as faixas de diferentes cores, criam diálogos visuais, projetando sombras, pois algumas zonas de cor se colocam fisicamente mais à frente do que outras. Apesar de ser uma estrutura regular, as possibilidades de permutação e criação de ritmos visuais a depender da disposição das madeiras, são inumeráveis, ampliando-se ainda mais pela diversidade de cores que podem ser ali aplicadas.

Terceiro fundo # 16 e 21
[díptico], 2013–2014
óleo sobre madeira
53 x 30 x 15 cm cada

→
vista da exposição
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil, 2013

→→
vista da exposição
Pintura com ar, sombra e espaço
Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil, 2017





desenhos

A prática do desenho sempre esteve presente na prática de Sérgio Sister. Ela acompanha, muitas vezes, o próprio fazer pictórico, revelando reverberações entre ambos os processos. Na primeira fase de seu trabalho, de meados dos anos 1960 até o início da década seguinte, as composições possuem cores lisérgicas, flertam com a linguagem dos quadrinhos e criam narrativas críticas sobre a sociedade e a política brasileiras, assim como lançam um olhar sobre o cotidiano prisional. A curadora Camila Bechelany nota como nesses trabalhos “as figuras ganham rostos mais caricatos com personagens mais ou menos identificáveis, como o Tio Sam por exemplo.”



Chuáaa, 1970
tinta ecoline, giz pastel oleoso
e caneta hidrográfica sobre papel
44,5 x 32 cm

CHUM





Já sobre o método e o tom empregados na construção dessas imagens, Chiarrelli escreve que “são várias as cenas produzidas à maneira de colagens, em que o artista atesta o cinismo, a barbárie, a tortura – cenas trágicas e – pasmem! – repletas de um quase humor ferino e triste.” É um consenso de que, além de trabalhos de arte, os desenhos produzidos nesse período também são instrumentos documentais, sem restringirem sua importância a tal aspecto. Como bem observou Chiarelli, “apesar de graves e importantes como testemunhos intransponíveis da atuação do Estado sobre o cidadão comum, esses desenhos são mais do que isso, e não se encaixam como emblemas solenes daquela situação em que o artista foi uma vítima entre tantas. São documentos de um crime, é certo, mas também sua própria superação. Atuam como a melhor resposta ao arbítrio porque o ridicularizam ao mesmo tempo que questionam a si mesmos. Esses desenhos se recusam a significar meros documentos sobre a barbárie sofrida, para atuarem como reelaborações críticas das maldades que apontam, não se deixando abater por elas. São armas de resistência.”

Brazil, love it or leave it. This way, bye, bye, Brazil, 1970
tinta ecoline e caneta hidrográfica
sobre papel
70 x 50 cm



Sem título, 1970
caneta hidrográfica
e giz pastel oleoso sobre papel
33 x 23 cm

→
vista da exposição
The Pencil is a Key
Drawing Center
Nova York, EUA, 2019





Sem título, 1970
tinta ecoline, lápis, giz pastel oleoso
e caneta hidrográfica sobre papel
32x45 cm





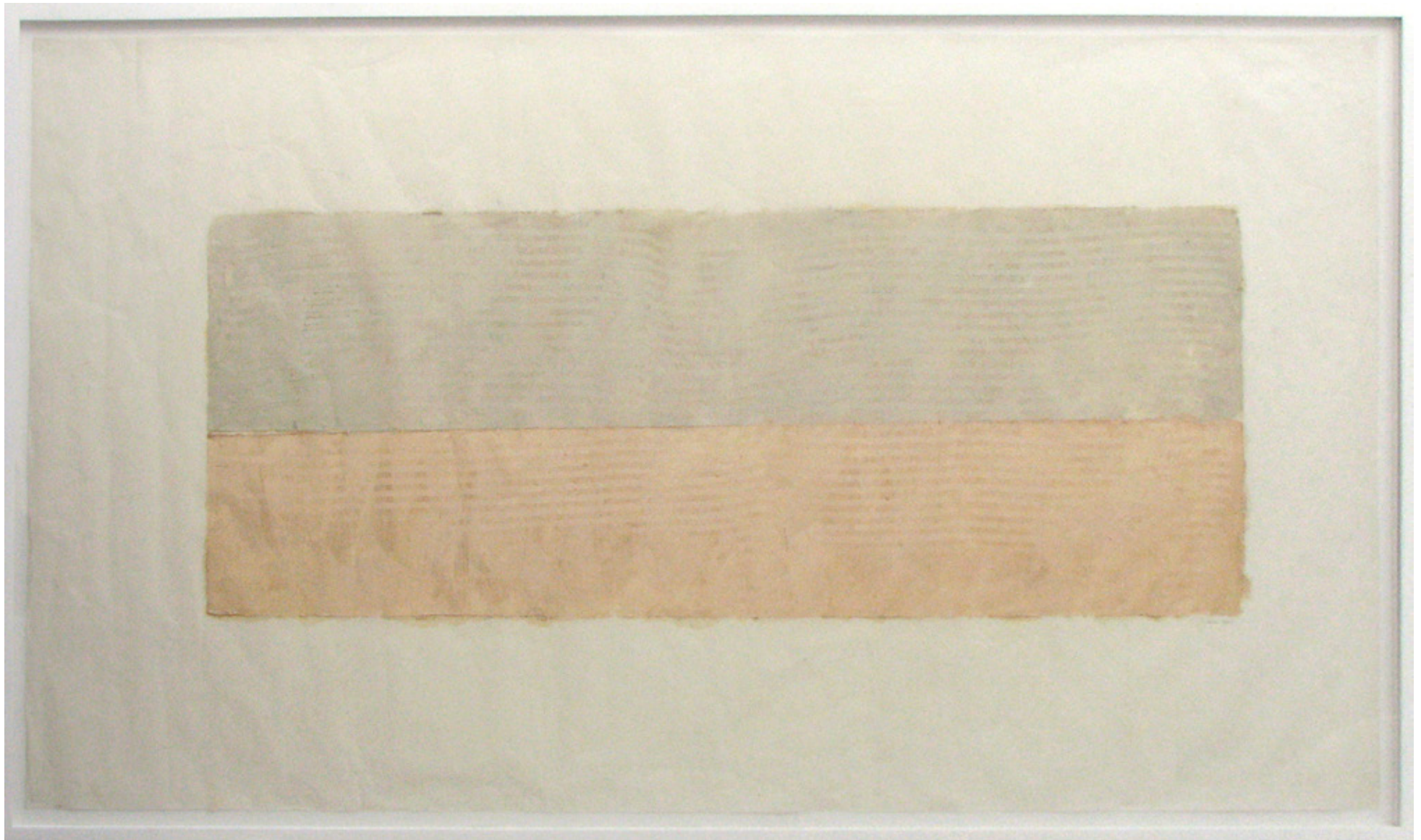
Sem título, 1971
tinta ecoline e nanquim
sobre papel
50x70 cm



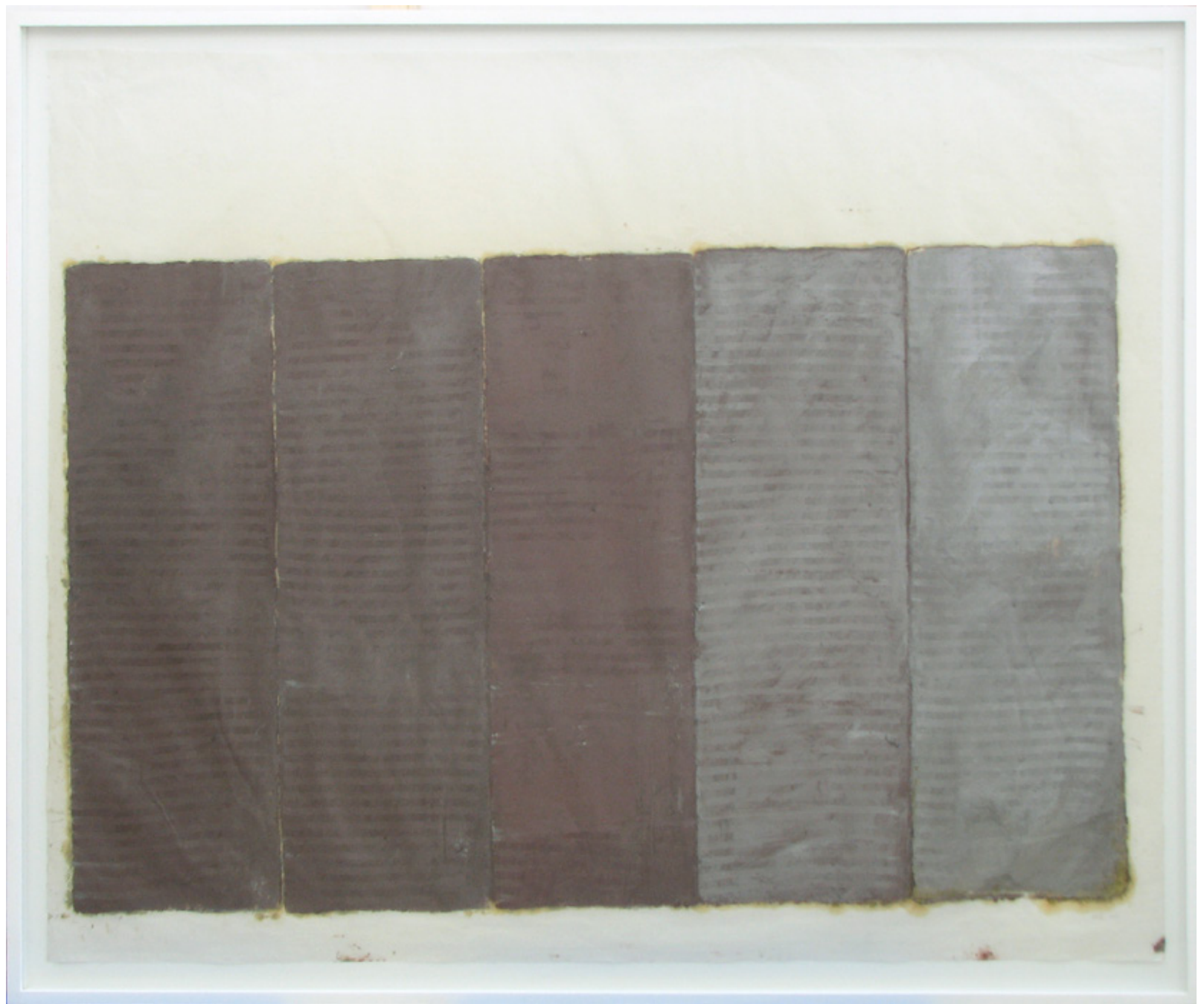
Na década de 1980, com a retomada de sua produção, Sister segue desenvolvendo sua prática não só na tela, mas também sobre papel. Esses trabalhos se dão principalmente sob duas formas. Uma de caráter pictórico mais pronunciado, com grandes áreas de cor, e outra mais gráfica. Em ambas, o artista utiliza papéis porosos que permitem um certo descontrole, tendo em vista sua alta capacidade de absorção que se contrapõe às inclinações formais rigorosas.

Nos trabalhos do primeiro grupo, vemos um reflexo das pinturas monocromáticas, em que o artista experimenta com diferentes tonalidades em uma mesma superfície. Essas manchas, que lembram quadrados ou retângulos, feitas com tinta a óleo, escapam a rigidez da geometria, conferindo certa organicidade à composição, dado que também pode ser verificado pela mancha que parece servir de borda entre a cor e a superfície branca do papel, essa, quase como uma sombra, é a impregnação do suporte pela oleosidade do pigmento escolhido, tornando-se uma zona intermediária entre os materiais e revelando sua integração.

Guerreiro, 2004
óleo sobre papel Kozo
206x105 cm



Sem título, 2006
óleo sobre papel kozo
100x203 cm



Sem título, 2006
óleo sobre papel cozo
100x203 cm



No segundo corpo de trabalhos vemos uma série de linhas horizontais que parecem se desmanchar. O efeito nos lembra um papel pautado, ou uma espécie de escrita ilegível. Esses desenhos fazem coexistir a dupla vocação do traço gráfico, a de fazer imagem, e a de ser escrita, mantendo-se, contudo, na indeterminação. Essas linhas, para Tassinari, são comparáveis com o delinear das pinceladas em suas pinturas, criando certas direções e ritmos.

Sem título, 1989
técnica mista sobre papel kozo
110 x 97 cm

→
vista da exposição
Paço Imperial
Rio de Janeiro, Brasil, 2007

→→
vista da exposição
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil, 2013







nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art